

Estratégias maternas durante a atividade de atenção conjunta em díades surdas

Maternal strategies during joint attention activity in deaf dyads

Claudiane Silva Soares¹
Universidade Federal da Bahia

Elizabeth Reis Teixeira²
Universidade Federal da Bahia

Nanci Araújo Bento³
Universidade Federal da Bahia

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar estratégias utilizadas por mães surdas durante a atividade de atenção conjunta com seus filhos surdos, evidenciando a importância dessas estratégias e sua relação com o processo de aquisição da linguagem de crianças surdas. Repousa numa concepção socioantropológica da surdez, numa perspectiva multimodal da linguagem e numa visão Sociointeracionista de aquisição da linguagem. Para realizá-la, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, tendo como referencial teórico Tomasello e Farrar (1986), Meier (2006), Aquino e Salomão (2009), Vigotsky (2009), Ávila-Nóbrega e Cavalcante (2012a), Vaz da Silva (2012), Kail (2013), Lieberman Hatrak e Mayberry (2014), Ávila-Nóbrega (2018), Silva (2018) e Porto (2021). Espera-se que este trabalho contribua para a formação de linguistas, pedagogos e fonoaudiólogos bilíngues (Libras/Português), como também, possa ser útil para pais com filhos surdos. Com esta pesquisa, foi evidenciado que as estratégias maternas são importantes para andaimar a inserção do infante na atenção conjunta e na linguagem. Elas são importantes à curto prazo, a fim de conseguir e manter a atenção dos infantes durante as atividades de atenção conjunta, e a médio e longo prazo ao promover a aquisição e ampliação lexical e ao estimular a criança a coordenar sua atenção, apresentando a ela os padrões de funcionamento da interação numa língua visual e possibilitando o engajamento.

Palavras-chave: Estratégias maternas. Atenção conjunta. Díades surdas. Aquisição da linguagem

¹ Professora Auxiliar-II do Instituto de Letras da UFBA. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia- UFBA, com especialização em Libras pela Faculdade Visconde de Cairu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6239-6950>

² Professora Titular do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Mestrado – M. A. em Linguística pela University of Kansas (1975), Mestrado – M. Phil. em Fonética e Linguística pela University of London (1980), e Doutorado - Ph. D. em Fonética e Linguística pela University of London (1985). Pós-doutorado University of Texas, Austin (1988) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0782-6430>

³ Professora Adjunta do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. Integrante dos grupos de pesquisa Observatório de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua (ObsPLE-PL2), Grupo de Pesquisa Formação de Professores (de) Surdos (GPFPS). Coordenadora do Curso de Extensão “Em Pretas Mãos: a constituição dos sinais e o contexto étnico racial brasileiro”. Professora da pós-graduação em Literatura e Cultura da UFBA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0424-2547>

Abstract

This article aims to present strategies used by deaf mothers during joint attention activities with their deaf children, highlighting the importance of such strategies and their relationship with the language acquisition process of deaf children. It is based on a socio-anthropological conception of deafness, a multimodal perspective of language and a socio-interactionist view of language acquisition. To carry it out, bibliographical research was used as a methodology, using Tomasello e Farrar (1986), Meier (2006), Aquino e Salomão (2009), Vigotsky (2009), Ávila-Nóbrega e Cavalcante (2012a), Vaz da Silva (2012), Kail (2013), Lieberman Hatrak e Mayberry (2014), Ávila-Nóbrega (2018), Silva (2018) e Porto (2021). It is expected that this work can contribute to the training of linguists, pedagogues and bilingual speech therapists (Libras\Portuguese), as well as being useful for parents with deaf children. From the research, it was evident that maternal strategies are important to scaffold the infant's insertion in joint attention activities and in the language. They are important in the short term, to get and maintain children's attention during joint attention activities, and in the medium and long term, by promoting lexical acquisition and expansion and by encouraging the child to coordinate their attention, presenting them the functional patterns of interaction in a visual language and making possible engagement in it.

Keywords: Maternal strategies. Joint attention. Deaf dyads. Language acquisition

Introdução

A modalidade visuo-espacial das línguas de sinais repercute em diferentes aspectos do processo de aquisição da linguagem das crianças surdas e, especificamente, na atividade de atenção conjunta (A.C.). O fato de a língua de sinais ser produzida no espaço e percebida visualmente influencia a forma como a comunicação se estabelece através dessa língua, exigindo o contato visual entre os parceiros interativos e, conseqüentemente, fazendo com que a atividade de A.C. apresente certas particularidades, assim como as estratégias maternas para conseguir e manter a atenção da criança no momento da interação.

Este trabalho, que é parte de uma pesquisa de mestrado, repousa numa concepção socioantropológica da surdez, na qual a compreensão que se tem de pessoa surda não é de um corpo danificado (Perlin, 2013), mas de um sujeito que, em toda sua complexidade, possui um jeito próprio de ser e estar no mundo (Strobel, 2008) e tem sua interação marcada pela experiência visual e pelo uso de uma língua de sinais, possuindo, assim, uma cultura própria. Está embasado, também, numa perspectiva teórica do estudo da língua, na qual entende-se que essa é composta por diferentes modos de linguagem ou, nas palavras de Ávila-Nóbrega (2018, s/p), “multimodalidade como sendo a produção mesclada e conjunta de ações linguísticas”. Capistrano Júnior, Lins e Casotti (2017, p. 288 *apud* Porto, 2021, p. 4) também apresentam um conceito de multimodalidade, concebendo-a “como coocorrência de vários modos de representação/construção da linguagem (semioses), que se integram na construção de significados em interações sociais”

O trabalho repousa, também, numa visão sociointeracionista de aquisição da linguagem, isto é, numa visão vigotskyana, que entende a interação como elemento fundamental no desenvolvimento linguístico, dando destaque para o papel do interactante

mais experiente, e tem como objetivos: i. apresentar estratégias maternas utilizadas durante a atividade de atenção conjunta em díades surdas; ii. evidenciar a importância das estratégias maternas em atividades de atenção conjunta em díades surdas; iii. estabelecer relação entre as estratégias maternas em atividades de atenção conjunta em díades surdas e a aquisição da linguagem de crianças surdas. Para tanto, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica.

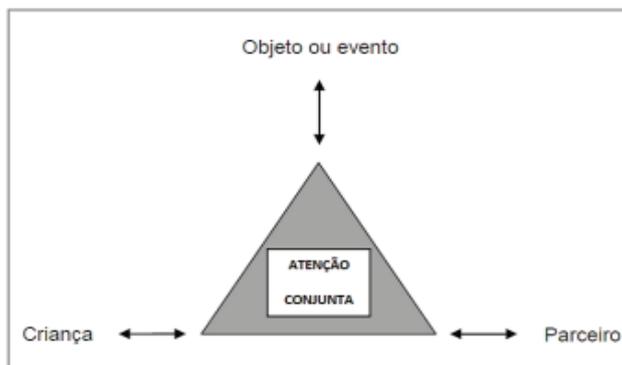
Logo, o presente artigo poderá contribuir para a formação de linguistas, pedagogos e fonoaudiólogos bilíngues (Libras/Língua Portuguesa), além de ser útil para pais ouvintes comprometidos com o desenvolvimento linguístico de seus filhos surdos.

Estratégias das mães surdas durante a atividade de atenção conjunta

O termo “atenção conjunta”, que também pode ser encontrado na literatura como “atenção compartilhada”, “atenção conjugada”, “atividade partilhada”, “atenção visual partilhada”, “joint attention”, “joint activity” e “shared attention”, pode ser compreendido como uma atividade triádica, na qual parceiros interativos compartilham sua atenção em direção a um objeto. A atenção conjunta é uma atividade apontada na literatura como profícua para o desenvolvimento linguístico (Locke, 1997; Tomasello; Farrar, 1986) e, no contexto aqui discutido, essa atividade é composta pelos elementos: criança, mãe e objeto/evento. Tomando Tomasello (2003) como referência, Ávila-Nóbrega e Cavalcante (2012a) afirmam

O termo atenção conjunta começa então a ser usado pelo autor para indicar o conjunto de comportamentos que são triádicos, o envolvimento da coordenação do bebê na sua interação com objetos e pessoas, que resulta em um triângulo referencial – criança, adulto e objeto ou evento. No início desse período o protótipo do esquema de interação triádica envolve o acompanhamento do olhar do bebê para o mesmo local direcionado pelo olhar do adulto; envolvimento conjunto relativamente longo de interação com o adulto e objeto; o bebê usa os adultos como pontos de referência social e ações semelhantes às dos adultos sobre objetos (Ávila-Nóbrega; Cavalcante, 2012a, p. 475).

Figura 1: Relação triádica de atenção conjunta



Fonte: Ávila-Nóbrega (2018)

Os pesquisadores destacam que, num estágio inicial da atividade de atenção conjunta, quem direciona o foco da atenção, convidando a criança para a interação a partir de um elemento externo, é o adulto. Num período mais avançado do desenvolvimento, a criança toma a iniciativa de chamar o parceiro para participar dessa interação triádica ao indicar algo que chamou sua atenção.

Vaz da Silva (2012), que também utiliza Tomasello (1995) para apresentar o conceito de A.C., amplia essa compreensão ao citar Aquino e Salomão (2009), afirmando que “atenção conjunta é uma habilidade sociocognitiva fundamental, considerada como um dos pilares da cognição social e do desenvolvimento da linguagem na criança” (Aquino; Salomão, 2009 *apud* Vaz da Silva, 2012, p. 53).

Lieberman, Hatrak e Mayberry (2014) afirmam que o que é referido como A.C. é o foco compartilhado entre objetos e pessoas, mas acrescentam que a habilidade da criança de estar engajada nessa atividade é um processo cognitivo fundamental que requer percepção, memória, categorização e habilidades de processamento de informação.

Ainda que os pesquisadores citados acrescentem alguma informação ao conceito de atenção conjunta, parece haver um consenso na área sobre ser uma atividade triádica na qual a criança alterna seu foco de atenção entre o objeto e o parceiro interativo. É importante ressaltar que, apesar de alguns pesquisadores aqui citados tomarem como base os estudos de Tomasello, Bruner (1975, 1980) já havia falado anteriormente sobre atenção conjunta, como aponta o trabalho de Aquino e Salomão (2009).

Nos estudos citados, a relevância da A.C. para o desenvolvimento linguístico é algo inquestionável. Nessa atividade, comumente, a mãe ou o parceiro interativo mais próximo rotula os objetos/eventos que compõem a tríade. Assim, a A.C. contribui para a aquisição lexical das crianças, para a promoção de trocas comunicativas entre mães e crianças e, portanto, para o desenvolvimento linguístico. No entanto, a A.C. pode ocorrer independente da língua oral, como indicam as pesquisas de Tomasello e Farrar (1986) e Silva (2018). Esses pesquisadores afirmam que a linguagem não é uma condição necessária para um foco de atenção conjunta e que praticamente toda díade tem alguma interação conjunta sem linguagem. As duas pesquisas também apresentam achados que se complementam, uma vez que Tomassello e Farrar (1986) mostram a importância da A.C. para o desenvolvimento inicial da linguagem e Silva (2018) mostra o quão significativo é esse momento de interação triádica não somente para o estágio inicial da linguagem, mas ao longo do desenvolvimento, chegando até os três anos⁴.

No entanto, a A.C. em díades surdas⁵ é marcada por um fenômeno que pode ser uma barreira na interação. Esse fenômeno é conhecido na literatura como “atenção dividida”. Durante essa atividade, a criança precisa olhar para o objeto que está sendo foco de atenção e também olhar para o seu parceiro para assim ter acesso à informação linguística, uma vez que, como já foi dito, essa língua é acessada visualmente. Isto é, diferentemente do que ocorre em uma díade ouvinte, nesse caso, o infante precisa aprender a alternar sua atenção entre o

⁴ A idade em questão tem relação com a idade do sujeito de sua pesquisa.

⁵ No Brasil, os estudos no campo da Aquisição da Linguagem que relacionam atenção conjunta e surdez ainda são escassos e, neles, normalmente, as díades são formadas por mães ouvintes com filhos surdos, a exemplo da tese de doutorado de Silva (2018).

objeto e o parceiro para conseguir evoluir linguisticamente por conta de utilizar o mesmo canal- visual - para ver o objeto/evento e a língua. A atenção dividida, de acordo com Vaz da Silva (2012), foi descrita na literatura, inicialmente, por Wood e seus colaboradores (1982, 1986).

Lederberg (1993) considera o fenômeno de atenção dividida como uma das implicações primárias da surdez com influência sobre as interações das pessoas surdas com parceiros de comunicação, sejam adultos ou pares, ao longo de toda a sua vida. Ele implica o desenvolvimento de padrões de atenção visual particulares que se revelam, por exemplo, na obrigatoriedade de pessoas surdas focarem a sua atenção na pessoa com que estão a comunicar (oral ou gestualmente) (Vaz da Silva, 2012, p. 54).

A atenção dividida gera, durante os episódios de A.C., necessidade de alternar o foco de atenção com maior frequência, servindo não somente para confirmar a participação do outro, como acontece na díade ouvinte, como também para obter as informações que serão fornecidas sobre o objeto.

Por esse motivo, antes de as crianças surdas desenvolverem a habilidade de coordenar a atenção, as interações com suas mães surdas podem ser menos frequentes e mais lentas, por conta do menor número e da extensão das produções verbais a que essas crianças são expostas, se comparadas com díades ouvintes (Gregory; Barlow 1989; Harris, 1992; citado por Koester; Traci; Brooks; Karkowski; Smith-Gray, 2004; Harris; Clibbens; Chasin; Tibbits, 1989; Meadow-Orlans; Steinberg, 2004, *apud* Vaz da Silva, 2012, p. 55).

Spencer e Harris sugerem que “o índice mais baixo de comunicações sinalizadas parece ser uma outra consequência natural da sensibilidade das mães surdas ao padrão de atenção visual imaturo de seus filhos. As mães quase nunca sinalizam quando sabem que seus filhos pequenos não estão prestando atenção...” (p. 81). Em outras palavras, mães surdas não sinalizam quando seus filhos não estão olhando para elas (Meier, 2006, p. 212)⁶.

Além disso, Lieberman, Hatrak e Mayberry (2014, p. 2) afirmam que a atenção dividida representa um desafio, pois ao alterar o foco de atenção do referente para olhar para o parceiro interativo, não haveria transparência entre o referente e o signo linguístico.

Nos primeiros meses em que as crianças surdas iniciam as interações triádicas, elas precisam de parceiros atentos e dispostos a facilitarem a alternância de foco entre os elementos da tríade, para então conseguirem receber o *input* linguístico mesmo antes de terem a habilidade de coordenar a atenção bem desenvolvida.

Um exemplo de atitude que demonstra essa atenção e disposição por parte dos parceiros interativos é quando as mães surdas realizam modificações na sua maneira de sinalizar para manter a atenção dos seus filhos, facilitando a aquisição lexical inicial (Meier, 2006). Por conseguinte, é possível afirmar que essas mães, através de um manhês ou

⁶ A quantidade menor de *input* não gera atrasos no desenvolvimento linguístico quando se comparam os estágios de desenvolvimento com díades ouvintes, indicando que o que realmente importa é a qualidade do *input* e não a quantidade (Meier, 2006).

sinalização direcionada à criança (SDC), facilitam a percepção da sinalização, tornando os primeiros sinais mais acessíveis.

O manhês ou “*motherese*” é uma linguagem produzida pelo interactante mais maduro linguisticamente, que apresenta certas características como articulação clara, tom de voz mais elevado, entonação exagerada, vocabulário mais limitado, sintaxe simplificada com evitação de pronomes de 3ª pessoa e de formas verbais compostas, com um discurso ancorado no “aqui-e-agora”, que contém repetições e reformulações daquilo que a mãe acaba de dizer, bem como repetições, expansões e remodelações dos enunciados que a criança acaba de produzir (Kail, 2013). Também é conhecido na literatura como “fala dirigida à criança” (FDC), “linguagem dirigida à criança” (LDC) e “sinalização dirigida à criança” (SDC) - no caso de crianças surdas.

Além da baixa quantidade de sinalização por parte das mães surdas, uma outra maneira de elas “se adaptarem às capacidades atencionais dos filhos é alterar a forma de seus sinais para assegurar que estes estejam dentro do campo visual da criança” (Meier, 2006, p. 213). As estratégias utilizadas pelas mães surdas para realizar esse feito a fim de conseguir e manter a atenção dos filhos são: deslocamento do sinal no espaço; repetição demasiada do movimento do sinal; prolongamento do sinal; sinalização no corpo da criança. Ou seja, o manhês realizado pelas mães através de tais estratégias facilita o acesso da criança ao *input* linguístico ao exigir menos esforço daqueles que ainda não desenvolveram a habilidade de coordenar a atenção entre objeto/evento e o parceiro, de forma a conseguir “ver” a língua.

Meier (2006) traz exemplos retirados de uma pesquisa realizada por Ginger Pizer e Meier (2006), nos quais é possível identificar algumas dessas estratégias. No primeiro exemplo, uma mãe estava olhando um livro de gravuras juntamente com sua filha de 13 meses de idade. Sentadas no chão, a mãe estava posicionada à esquerda da filha, porém um pouco atrás dela. Nesse episódio, a parceira interativa mais experiente se inclinou sobre o nome da figura de um pato⁷ que a filha observava. Após relatar detalhadamente a interação, o pesquisador afirma:

Há muito a ser observado nesta breve interação: 1) Na primeira ocorrência de PATO (um sinal de uma mão articulado na boca, que sugere o abrir e fechar de um bico de pato), a mãe se inclinou de tal forma a entrar no campo visual de sua filha, para que ela visse como o sinal de PATO é articulado no rosto. Ela continuou inclinada durante toda a interação 2). A primeira ocorrência de PATO foi produzida com a mão esquerda, de tal forma que a mãe pudesse manter a mão direita apontando a figura do pato. Assim, a mãe apontou e nomeou o referente, simultaneamente. A primeira e a terceira ocorrências de PATO podem ter sido repetidas demasiadamente pela mãe; ambas tinham quatro ciclos de movimento, em contraste aos dois ou três ciclos tipicamente utilizados na sinalização direcionada ao adulto. Ao repetir o sinal, a mãe pode ter estendido sua duração para que ele pudesse ser visto pela criança (Meier, 2006, p. 213).

A mãe utilizou diferentes estratégias para conseguir e para manter a atenção da criança, como se fazer presente no espaço visual através da inclinação do corpo até o campo

⁷ Aqui, possivelmente, houve um erro de digitação, mas é possível inferir que a mãe se inclinou sobre a figura de um pato, considerando que o autor esclareceu que mãe e filha estavam olhando um livro de gravuras.

de visão da filha; uma vez que já estava no campo visual, realizou o sinal ao mesmo tempo que apontou para a imagem, facilitando a relação entre o referente e o sinal; repetiu, demasiadamente, o ciclo de movimento do sinal “pato” e estendeu a duração do sinal, possibilitando que a criança tivesse mais tempo para vê-lo e perceber seu movimento.

Em um outro exemplo, do mesmo trabalho, uma criança de 17 meses também está sentada no colo da mãe enquanto a mãe nomeia as cores de blocos coloridos. No momento de realizar o sinal da cor laranja, em língua de sinais americana, a mãe realiza no corpo da criança, diferentemente dos demais sinais que são feitos no espaço neutro. Pelo fato de o sinal laranja ser realizado com a mão abrindo e fechando na boca, a criança não acessaria o sinal visualmente por estar de costas para a mãe. Ao realizar o sinal na boca da criança, ela facilitou a percepção tanto de forma visual quanto de maneira tátil.

Na pesquisa de Pizer e Meier (2006), foram examinadas amostras de crianças surdas de 9, 13, 18 e 24 meses que interagem com suas mães, também surdas, e que utilizavam a língua americana de sinais. Os resultados dessa pesquisa longitudinal mostraram que “dependendo da amostra, de 30 a 60% dos sinais das mães foram alterados” (Meier, 2006, p 214.).

Sinais modificados podem resultar das tentativas da mãe de ganhar a atenção visual de seu filho (Waxman & Spencer, 1997). Entretanto, estas modificações podem aparecer algumas vezes quando a mãe já tem a atenção da criança, o que indica que estas propriedades do manhês sinalizado não são, exclusivamente, produtos da sensibilidade da mãe em relação à atenção visual da criança. Ao contrário, por exemplo, as mães às vezes repetem os sinais em situações nas quais elas estão tentando fazer com que a criança imite seus sinais (Meier, 2006, p. 214).

Retomando a afirmação de Vaz da Silva (2012) e Lieberman, Hatrak e Mayberry (2014) sobre a falta de habilidade inicial da criança na coordenação da atenção e a falta de transparência entre o referente e o sinal, respectivamente, é possível afirmar que talvez seja mais produtivo a mãe sinalizar no corpo da criança ou deslocar sua sinalização para o campo visual, para que ela não precise mudar seu foco de atenção a partir de um aceno ou toque da mãe. Logo, o manhês é fundamental para que a criança passe a entender que a informação sobre o objeto que está sendo foco de atenção será fornecida por esse parceiro através do contato visual entre eles e, assim, possa estabelecer a ligação entre o objeto de interesse e o rótulo que é dado a ele.

Quando a mãe inclina seu corpo e sinaliza no espaço neutro, no campo visual da criança, às vezes, sobre o próprio referente, torna desnecessária a mudança do olhar da criança, possibilitando que ambos, sinal e referente, estejam no mesmo campo visual, gerando proximidade entre eles ou, até mesmo, simultaneidade na percepção. Em outro contexto, quando a sinalização é feita no corpo da própria criança, ela passa a usar dois canais diferentes de percepção: o visual, para olhar para o referente e para o próprio sinal, uma vez que estão no mesmo campo visual, e o tátil, para sentir o sinal, possibilitando a percepção simultânea do sinal e do referente.

Assim, a partir de reflexões suscitadas pelos estudos de Meier (2006) e Lieberman, Hatrak e Mayberry (2014), simultaneidade parece ser uma palavra-chave no que tange às

estratégias para conseguir e manter a atenção das crianças através da SDC. Apesar de essas pesquisas não citarem a simultaneidade na exploração de diferentes sentidos dos filhos – diferentes canais de percepção – pelas mães como uma estratégia para proporcionar maior transparência entre o referente e o seu rótulo, os dados apresentados nesses estudos propiciam tal interpretação.

É possível inferir que essas estratégias maternas desencadeiam algum tipo de simultaneidade que favorece a transparência dificultada pela atenção dividida. O uso da apontação simultânea ao uso do sinal também parece ter um papel similar. No exemplo citado, a apontação utilizada pela mãe em direção à imagem, enquanto realizava o sinal com a outra mão, não só serviu para chamar a atenção da criança para um elemento externo, como também potencializou o manhês e possibilitou maior transparência entre o elemento linguístico e o objeto de atenção. Essa observação reforça a simultaneidade como consequência das estratégias maternas e como elemento provedor de maior transparência, em oposição à dificuldade estabelecida pela atenção dividida imposta pela modalidade visuo-espacial das línguas de sinais.

The present results reveal that children who are exposed to this kind of visually embedded interaction develop a high degree of sensitivity to maternal linguistic and non-linguistic cues along with an ability to respond with precision to the dynamic demands of both a visual language and a visual environment⁸ (Lieberman; Hatrak; Mayberry, 2014, p. 11).

O excerto também corrobora a importância da linguagem não verbal⁹ para a construção do padrão visual requerido em uma língua de sinais e, conseqüentemente, para a aquisição de uma língua sinalizada.

Ainda com base na afirmação de Lieberman, Hatrak e Mayberry (2014), levantamos a hipótese que, somando-se à explicação de Meier (2006), que justifica o uso do manhês pelas mães para conseguir a atenção dos filhos, manter essa atenção e fazer com que eles repitam o sinal, outro possível motivo para que as mães usem tais estratégias seria propiciar maior transparência entre o referente e o sinal, ainda que intuitivamente.

As estratégias maternas têm também sua importância ao proporcionarem o desenvolvimento da habilidade de coordenar a atenção (Lieberman; Hatrak; Mayberry, 2014; Vaz da Silva, 2012). Inicialmente, a mãe facilita a percepção do sinal pela criança e, conseqüentemente, a alternância do foco de atenção através das estratégias já mencionadas e, com o tempo, espera-se que a criança perceba que precisa alternar o olhar entre o objeto e o parceiro, coordenando a atenção, e, assim, buscar ela mesma essa informação no seu interlocutor. Em outras palavras, as crianças adquirem o padrão visual necessário para a interação mediada por uma língua visuo-espacial, por isso, a habilidade de alternância de

⁸ Os presentes resultados revelam que as crianças expostas a esse tipo de interação visualmente incorporada desenvolvem alto grau de sensibilidade às provocações maternas linguísticas e não linguísticas, juntamente com uma capacidade de responder com precisão às demandas dinâmicas tanto de uma língua visual como de um ambiente visual. (tradução nossa)

⁹ Salienta-se a importância de não confundir os sinais de uma língua de modalidade espaço-visual com linguagem não verbal, com gestos. Os trabalhos de Cerqueira (2021) e Porto (2021) exploram, com profundidade, a diferença entre gestos e sinais.

foco, isto é, de coordenar a atenção, se dá em idade mais avançada, por volta dos dois anos (Lieberman; Hatrak; Mayberry, 2014).

The deaf children's gaze shifts were largely synchronized with specific maternal behaviors, ranging from overt, physical attention-getting devices to more subtle prosodic and non-manual cues in the sign language stream. Gaze control was largely in place by the age of two, however there were important increases in the degree of sophistication of gaze shifting that occurred after this age¹⁰ (Lieberman; Hatrak; Mayberry, 2014 p. 10).

As pesquisadoras se propuseram a investigar os mecanismos utilizados por díades surdas para alcançar a atenção conjunta dentro de uma modalidade específica de língua, visuo-espacial, a partir da observação da interação naturalística de quatro crianças surdas, com idades de 1;9 a 3;7, com as respectivas mães. De acordo com as autoras, há duas maneiras de as mães assegurarem que seus sinais estão sendo visíveis para os filhos: modificando a sinalização ao produzirem os sinais fora do espaço típico de sinalização ou conseguindo captar o olhar do infante com o uso de alguma provocação explícita ou não (mais sutil). Os comportamentos maternos a fim de captar o olhar, a atenção da criança, enquadram-se em três categorias, a saber: i: provocações físicas que envolvem “captadores de atenção”, denominados pelas pesquisadoras como “attention-getters”, que são toques ou acenos direcionados à criança, como também a apontação para o objeto¹¹ ou sobre ele; ii: provocações linguísticas, constituídas por enunciados maternos (sinalizados) acompanhados pelo olhar do filho no início ou no final desses enunciado; iii: provocações através do olhar, que correspondem à mudança de olhar da mãe para ou a partir do objeto ou da criança

As pesquisadoras identificaram que provocações linguísticas e através do olhar frequentemente ocorriam juntas; além da mudança de olhar da criança provocada pela mãe, algumas mudanças de olhar foram iniciadas pela criança e, nessa situação, ela sinalizou ou apontou imediatamente antes de mudar o olhar ou ao mesmo tempo que mudou o olhar; as provocações maternas eram mais frequentemente congruentes com a sinalização convencional, envolvendo pouco comportamento explícito adicional (toques e acenos) destinados ao olhar da criança, logo houve mais estímulos linguísticos do que físicos, embora a diferença não tenha sido significativa.

Lieberman; Hatrak; Mayberry (2014) também listaram outros resultados, mostrando que a mudança de olhar frequente e rápido para a mãe é uma adaptação comportamental exclusiva das crianças surdas, quando comparadas com díades ouvintes, e que esse comportamento é crescente, em consonância com a idade, tornando-se cada vez mais refinado com o tempo. A pesquisa mostrou também uma relação entre esse comportamento, que está vinculado à habilidade de coordenar a atenção e o aumento do vocabulário:

¹⁰ As mudanças de olhar das crianças surdas foram, em grande parte, sincronizadas com comportamentos maternos específicos, variando de dispositivos físicos explícitos para chamar a atenção, até dicas prosódicas e não manuais mais sutis no fluxo da língua de sinais. O controle do olhar estava amplamente estabelecido aos dois anos de idade, no entanto, houve aumentos importantes no grau de sofisticação da mudança do olhar que ocorreram após essa idade. (tradução nossa)

¹¹ No estudo desenvolvido, o objeto era um livro, uma vez que a pesquisa foi realizada em dois contextos específicos de A.C. entre díades surdas: interação a partir da atenção voltada para livros e para brinquedos.

This suggests that the older children may have been more engaged during these interactions than the younger children. The number of gaze shifts by child also patterned with vocabulary score, although as all deaf children had been exposed to ASL¹² from birth, age and vocabulary were closely related in this sample¹³ (Lieberman; Hatrak; Mayberry, 2014, p. 8).

[...]

In the children studied here, age, vocabulary, and number of gaze shifts during both book and toy conditions were closely related. [...] As deaf children learn to look between their interlocutors and visual scenes more effectively, they are likely to become better able to connect linguistic input in a meaningful way to the world around them¹⁴ (Lieberman; Hatrak; Mayberry, 2014, p. 12).

A citação reforça os achados da área de que o aumento do repertório lexical de crianças surdas está relacionado ao desenvolvimento da habilidade de coordenação da atenção que, por sua vez, relaciona-se às estratégias maternas (Lieberman; Hatrak; Mayberry, 2014; Meier, 2006; Vaz da Silva, 2012), como também é constatado neste trecho: “The children studied here had clearly acquired this highly controlled, visual-perceptual ability through built-up experiences interpreting maternal linguistically-grounded prompts.”¹⁵ (Lieberman; Hatrak; Mayberry, 2014, p. 11). Esse achado dialoga com a afirmação de Vaz da Silva (2012) sobre crianças surdas que crescem em lares ouvintes, sem acesso a uma língua de sinais e a tais estratégias maternas. O pesquisador afirma que essas crianças, quando passam a ter acesso a uma língua de sinais, em idades mais avançadas, apresentam barreiras no desenvolvimento escolar por conta da dificuldade de coordenar a atenção durante a explicação de professores que utilizam a língua de sinais, além da dificuldade de acompanhar conversas entre seus pares surdos, mostrando que a coordenação da atenção é uma habilidade que precisa ser desenvolvida através de um *input* acessível e com qualidade.

Por conta do desenvolvimento da coordenação da atenção, as mães que, inicialmente, modificaram sua sinalização para se fazer presentes no campo visual da criança, passaram a utilizar outros recursos para chamar a atenção do infante. Diminuindo a SDC e incitando um maior engajamento dos filhos na interação triádica, elas começam a realizar toques no corpo da criança, acenar ou apontar, provocando a mudança de olhar daqueles que já conseguem coordenar a atenção.

¹² American Sign Language (Língua Americana de Sinais).

¹³ Isso sugere que as crianças mais velhas podem ter se envolvido mais durante essas interações do que as crianças mais novas. O número de mudanças de olhar por criança também tinha correlação com a pontuação de vocabulário, embora, já que todas as crianças surdas tinham sido expostas à ASL desde o nascimento, a idade e o vocabulário estavam intimamente relacionados nesta amostra. (tradução nossa)

¹⁴ Nas crianças estudadas aqui, a idade, o vocabulário e o número de mudanças de olhar durante os contextos do livro e do brinquedo estavam intimamente relacionados. (...) À medida que as crianças surdas aprendem a alternar o olhar entre seus interlocutores e as cenas visuais de maneira mais eficaz, elas são mais propensas a tornarem-se mais capazes de conectar o *input* linguístico de modo significativo ao mundo ao seu redor. (tradução nossa).

¹⁵ As crianças estudadas aqui, claramente, adquiriram essa habilidade percepto-visual altamente controlada por meio de experiências acumuladas na interpretação das provocações maternas fundamentadas linguisticamente. (tradução nossa)

Mothers provide more overt and directive cues, such as touching the infant or actively obtaining their attention, during the first 9 to 12 months (Chasin & Harris, 2008). This is the same time period during which infants typically begin to engage in triadic visual attention with people and objects (Bakeman & Adamson, 1984; Carpenter, Nagell, & Tomasello, 1998). By the time they are two years old, deaf children with deaf parents are able to effectively control their own gaze behavior in order to achieve optimal attention to both people and visual scenes [...]. By this point, mothers do not make as many overt bids for attention, but rather sign in a conventional style while the child actively switches attention¹⁶ (Lieberman; Hatrak; Mayberry, 2014, p. 12).

À medida que a habilidade de coordenar a atenção vai se tornando mais refinada, essas provocações mais explícitas vão dando lugar a outras mais sutis, a partir da utilização do olhar materno para conseguir a atenção da criança, do uso da língua ou mesmo da combinação de ambos.

Thus there were observable developmental differences in the types of prompts to which children responded, with an increase in responsiveness to subtle prompts (i.e. maternal gaze shifts) and linguistic cues (i.e. maternal utterance onset) in the older two children¹⁷ (Lieberman; Hatrak; Mayberry, 2014, p. 10).

A importância das estratégias maternas para conseguir e manter a atenção das crianças surdas também está expressa nas palavras de Meier (2006) quando afirma que “as propriedades da sinalização direcionada à criança podem contribuir significativamente para a consistência da aprendizagem dos primeiros sinais nas crianças surdas nascidas em famílias surdas” (Meier, 2006, p. 214)

Assim como Lieberman, Hatrak e Mayberry (2014), Vaz da Silva (2012) destaca a importância das estratégias utilizadas pelos parceiros mais experientes para o desenvolvimento da coordenação da atenção visual:

A literatura aqui revista indica que a atenção dividida é um fenômeno que tem consequências nas interações entre as crianças surdas e outros no seu ambiente, pares e adultos, e que o desenvolvimento (sócio-cognitivo) destas crianças está associado a um conjunto de competências descritas como coordenação da atenção visual com os parceiros e com aspectos do ambiente, facilitadores do acesso à informação e de processos de interação eficazes com outros. O desenvolvimento e aperfeiçoamento

¹⁶ As mães fornecem provocações mais evidentes e diretivas, como tocar o bebê ou outra ação para obter a sua atenção, durante os primeiros 9 a 12 meses (Chasin; Harris, 2008). Esse é o mesmo período de tempo durante o qual os bebês normalmente começam a se envolver em atenção visual triádica com pessoas e objetos (Bakeman; Adamson, 1984; Carpenter; Nagell; Tomasello, 1998). Até os dois anos de idade, crianças surdas com pais surdos são capazes de controlar efetivamente seu próprio comportamento visual, a fim de alcançar a atenção ideal tanto para as pessoas quanto para as cenas visuais (...). A essa altura, as mães não fazem tantas tentativas explícitas para chamar a atenção, mas sinalizam de maneira convencional, enquanto a criança troca ativamente a atenção. (tradução nossa)

¹⁷ Assim, houve diferenças observáveis de desenvolvimento nos tipos de estímulos aos quais as crianças responderam, com um aumento na resposta a estímulos sutis (isto é, mudança do olhar materno) e provocações linguísticas (isto é, início do enunciado materno) nas duas crianças mais velhas (tradução nossa).

destas competências estarão dependentes de vários factores, designadamente das estratégias de interacção de outros mais experientes (Vaz da Silva, 2012, p. 56).

Assim, o trecho acima corrobora a importância do interactante mais experiente como um mediador na interacção.

Considerações finais

Após todo o exposto, mostrou-se que a atenção dividida, particularidade da atividade triádica em díades surdas, está estreitamente relacionada à coordenação da atenção visual e, conseqüentemente, às estratégias maternas para conseguir e manter essa atenção. A atenção dividida gera necessidade de que o infante aprenda a coordenar sua atenção para participar de forma mais ativa das atividades de atenção conjunta, mas essa habilidade de coordenação, por ainda ser precária em um primeiro momento, terá que passar pela participação ativa da mãe ou do interlocutor mais próximo para ser bem desenvolvida. Logo, as estratégias maternas são importantes para andaimar a inserção do infante na atividade de A.C. e na linguagem.

Tais estratégias são importantes a curto prazo, a fim de conseguir e manter a atenção dos infantes e de proporcionar maior transparência entre o referente e o rótulo dado a ele, como levantamos aqui a hipótese¹⁸; à médio e longo prazo, ao promover a aquisição e ampliação lexical e ao estimular a criança a coordenar sua atenção, apresentando a ela os padrões de funcionamento da interacção numa língua visual e tornando possível o engajamento nessa língua. Logo, ao andaimar o processo de inserção do infante na interacção, através de estratégias que variam de intervenções mais enfáticas até mais sutis, o parceiro mais experiente facilita o acesso visual à língua, proporcionando o desenvolvimento da habilidade de coordenação da atenção e, por conseguinte, o desenvolvimento linguístico, que foi mediado não só pelo uso de sinais, assim como pelo uso de gestos, a exemplo dos acenos, toques no corpo e apontação, além do uso do olhar.

Referências

AQUINO, F.; SALOMÃO, N. Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a cognição social infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 233-241, abr./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/9jjyHvZCPYh3WGPddmSxJRg/#> Acesso em: Nov. 2023.

ÁVILA-NÓBREGA, P. V. **O estudo do envelope multimodal como uma contribuição para a aquisição da linguagem**. Curitiba: Appris, 2018.

ÁVILA-NÓBREGA, P. V.; CAVALCANTE, M. C. B. Aquisição de linguagem em contextos de atenção conjunta: o envelope multimodal em foco. **Signótica**, Goiânia, v. 24,

¹⁸ Julgamos necessário um *corpus* mais robusto e que possibilite corroborar a hipótese aqui levantada.

n. 2, p. 469–491, 2012a. DOI: 10.5216/sig.v24i2.18782. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/18782>. Acesso em: Nov. 2021.

CERQUEIRA, I. de F. **Vendo Vozes e ouvindo mãos**: O que os sinais caseiros nos dizem sobre aquisição de linguagem ou da linguagem. 2021. Tese (Doutorado em Aquisição da Linguagem)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36040/1/Tese%20de%20Doutorado.pdf> Acesso em: Nov. 2022.

KAIL, M. *Aquisição de linguagem*. São Paulo: Parábola, 2013.

LIEBERMAN, A. M.; HATRAK, M.; MAYBERRY, R. I. Learning to Look for Language: Development of Joint Attention in Young Deaf Children. In: **Language learning and development**: the official journal of the Society for Language Development. Vol. 10, No. 1, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3865891/#!po=82.5301> Acesso em: 10 Mai. 2021.

LOCKE, J. L. Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada. In: FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. **Compêndio da Linguagem da Criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MEIER, R. P. Modalidade e Aquisição da Língua: estratégias e restrições na aprendizagem dos primeiros sinais. In: QUADROS, R. M. de; VASCONCELOS, M. L. B. (Orgs.). **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais – TISLR 9 – 9th Theoretical Issues in sign language research conference**. Florianópolis: Arara Azul, 2006. Disponível em: https://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo_port.pdf. Acesso em: Fev. 2022.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PORTO, M. Relação gestos/sinais em Libras: uma análise baseada no contínuo de Cornelia Müller. **Revista da Abralín**. v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021.

SILVA, P. M. S. da. **Multimodalidade em cenas de atenção conjunta**: contribuições para o processo de aquisição da linguagem de uma criança surda. 2018. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12023> . Acesso em: Set. 2021.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

TOMASELLO, M.; FARRAR, M. J.. Joint Attention and Early Language. In: **Child Development**, vol. 57, no. 6, 1986, p. 1454–1463. JSTOR, Disponível em: www.jstor.org/stable/1130423. Acesso em: 23 Junho 2021.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

VAZ DA SILVA, F. Atenção conjunta em crianças surdas: Especificidades do desenvolvimento e implicações para as práticas. **Da Investigação às Práticas**, v.II, n. 1, 2012. p. 51-67. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/292976856_Atencao_conjunta_em_crianças_surdas_especificidades_do_desenvolvimento_e_implicacoes_para_as_praticas Acesso em: Set. 2021.

VIGOTSKY, L. **A construção do pensamento e da linguagem**. (Trad. Paulo Bezerra) 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.